

O DESENVOLVIMENTO ESTÉTICO-MUSICAL A PARTIR DA PRÁTICA INSTRUMENTAL DA FLAUTA DOCE

Mickelsen da Costa Picanço - Professor efetivo de Artes da Secretaria de Estado da Educação e Cultura do Amazonas, lotado na Escola Estadual de Tempo Integral José Carlos Mestrinho/Colégio Militar do Corpo de Bombeiros e coordenador do projeto. E-mail: mickpicanco@gmail.com

AndryaPyetra Sousa de Jesus - Estudante do 7º ano, turma 1, na Escola Estadual de Tempo Integral José Carlos Mestrinho/Colégio Militar do Corpo de Bombeiros e cientista Jr. do projeto. E-mail: apyetrajesus08@gmail.com

Iasmim de Freitas Alvarenga - Estudante do 7º ano, turma 2, na Escola Estadual de Tempo Integral José Carlos Mestrinho/Colégio Militar do Corpo de Bombeiros e cientista Jr. do projeto. E-mail: iasmimfreitas2014@gmail.com

Lia Esther Guimarães Ribeiro - Estudante do 6º ano, turma 1, na Escola Estadual de Tempo Integral José Carlos Mestrinho/Colégio Militar do Corpo de Bombeiros e cientista Jr. do projeto. E-mail: lia.esthergr@outlook.com

RESUMO: Este artigo trata de um projeto de pesquisa no âmbito do Programa Ciência na Escola (PCE), da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), que objetivou oportunizar aos estudantes copesquisadores o desenvolvimento estético-musical por meio da prática instrumental da flauta doce e da pesquisa sobre músicas folclóricas e cantigas de roda, desenvolvido por três estudantes do 6º e 7º anos do ensino fundamental da Escola Estadual de Tempo Integral Bilíngue José Carlos Mestrinho/Colégio Militar do Corpo de Bombeiros, que atuaram como Cientistas Jr. Como metodologia, realizamos o levantamento de dados entre estudantes das quatro turmas de 6º e 7º anos, a partir de um questionário semiestruturado elaborado na plataforma Formulários Google; de posse desses dados criamos arranjos instrumentais de canções folclóricas e cantigas de roda para flauta doce. As partituras editadas foram compartilhadas com os estudantes das turmas citadas acima.

Palavras-chave: Flauta doce. Prática instrumental. Músicas folclóricas e cantigas de roda. Desenvolvimento estético-musical.

ABSTRACT: This article deals with a research project within the scope of the Science at School Program (PCE), of the Amazonas State Research Support Foundation (FAPEAM), which aimed to provide the aesthetic-musical development through the instrumental practice of the recorder and of the research on folk songs and round songs, developed with students from the 6th and 7th years of elementary school at the José Carlos Mestrinho State Full-Time Bilingual School / Military College of the Fire Brigade, whose methodology was to collect data from responses to a semi-structured questionnaire prepared on the Google Forms platform, practice of recorder using instrumental arrangements of folk songs and round songs.

Keywords: Recorder. Instrumental Practice. Folk Songs and Round Songs. Aesthetic-musical Development.

INTRODUÇÃO

A presença da Arte no currículo escolar possibilita que os estudantes, conforme estabelecido pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN),

adquiram competências de sensibilidade e de cognição em [...] Música [...], diante da sua produção de arte e no contato com o patrimônio artístico, exercitando sua cidadania cultural com qualidade [...] [e desenvolvam] seu conhecimento estético e competência artística nas diversas linguagens da área de Arte (Artes Visuais, Dança, Música, Teatro), tanto para produzir trabalhos pessoais e grupais como para que possa, progressivamente, apreciar, desfrutar, valorizar e emitir juízo sobre os bens artísticos de distintos povos e culturas produzidos ao longo da história e na contemporaneidade (BRASIL, 1998, p. 48).

Relativamente à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o ensino fundamental – anos finais, em todas as unidades temáticas referentes à música encontram-se habilidades relacionadas à prática instrumental, à leitura de algum tipo de notação musical (partitura, cifra, tablatura, etc.), ao conhecimento de canções folclóricas e o desenvolvimento do senso estético e artístico.

Ambos os documentos possuem objetivos pedagógicos interessantes, mas cumpre ao docente estabelecer metodologias que possibilitem o alcance desses objetivos. No que tange à prática instrumental, há variáveis que precisam ser levadas em consideração, especialmente a facilidade ou não de acesso e aquisição de instrumentos musicais. Considerando que a escola pública não possui, via de regra, um leque diverso e em grande quantidade de instrumentos musicais, caberá ao estudante adquirir algum instrumento ou mesmo ao professor providenciá-los.

Desta feita, por iniciativa do professor da disciplina de Arte, propôs-se um projeto de pesquisa no âmbito do Programa Ciência na Escola (PCE) da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), para o qual buscou-se três estudantes (número máximo de estudantes que podem receber bolsa do PCE por projeto) para atuar como Cientistas Jr., considerados os seguintes critérios para a seleção: bom rendimento escolar em geral, assiduidade às aulas, interesse em atuar diretamente no projeto e habilidade mínima com flauta doce. Foram selecionadas as estudantes Lia Esther Guimarães Ribeiro (6º ano 1), AndryaPyetra Sousa de Jesus (7º ano 1) e Iasmim de Freitas Alvarenga (7º ano 2), que atuaram sob orientação do professor Mickelsen da Costa Picanço, proponente e coordenador deste projeto. A pesquisa desenvolveu-se entre os estudantes de 6º e 7º ano da Escola Estadual de Tempo Integral Bilíngue José Carlos Mestrinho/Colégio Militar do Corpo de

Bombeiros, no bairro do Crespo, em Manaus. A temática do projeto foi voltada para o desenvolvimento estético-musical a partir da prática instrumental. Dada a relativa facilidade de aquisição, além de atividades didáticas iniciadas em 2018 com alguns estudantes, escolhemos a flauta doce como instrumento musical para efetivar a prática instrumental e desenvolvimento estético-musical. Investigou-se o conhecimento parte dos estudantes das turmas de 6º e 7º ano de canções folclóricas e cantigas de roda e também suas práticas musicais e situações correlatas; as referências feitas às músicas folclóricas e cantigas de roda foram o determinante para a definição de que músicas receberiam arranjos instrumentais.

Assim, propomos como objetivo geral para esta pesquisa *oportunizar o desenvolvimento estético-musical por meio da prática instrumental da flauta doce e da pesquisa sobre músicas folclóricas e cantigas de roda*. Como objetivos específicos definimos: (a) promover o aprendizado e prática instrumental de flauta doce aos estudantes co-pesquisadores (Cientistas Jr.); (b) mapear as canções folclóricas e cantigas de roda que são de conhecimento dos estudantes de 6º e 7º anos do ensino fundamental do Colégio Militar do Corpo de Bombeiros José Carlos Mestrinho; (c) desenvolver arranjos instrumentais para flauta doce a partir das canções folclóricas e cantigas de roda levantadas pelos estudantes.

METODOLOGIA

Adotamos para este projeto uma abordagem quantitativa e qualitativa (SILVEIRA e CÓRDOVA, 2009), visto que buscamos dados muito específicos e quantificáveis, ao passo em que também buscamos compreender o contexto que esses dados poderiam refletir. Nossas ações foram organizadas em dois grandes eixos que se desenvolveram paralelamente: (1) o levantamento de dados, seu processamento, discussão e sistematização e (2) a produção de arranjos instrumentais para flauta doce e ensaios para aprendizagem deste instrumento e das canções arranjadas. Para o levantamento dos dados, estabelecemos a entrevista com questionário semiestruturado como método e ferramenta, respectivamente, a ser executado pelas cientistas Jr. (nomenclatura da FAPEAM para estudantes bolsistas que atuam no PCE) Andrya Pyetra Sousa de Jesus, Iasmim de Freitas Alvarenga e Lia Esther Guimarães Ribeiro. Porém, a pandemia de COVID-19 e seus desdobramentos, como a paralisação das aulas e demais atividades em repartições públicas, como a FAPEAM, atrasou o cronograma de aprovação e implantação dos projetos. Nossas atividades iniciaram em agosto/2020,

mas os estudantes do ensino fundamental das escolas estaduais em Manaus não foram autorizados pela Secretaria de Estado da Educação e Cultura (SEDUC-AM) a retornarem às atividades presencialmente nas escolas. O retorno desses estudantes à escola só ocorreu em 30 de setembro de 2020. Visando contornar a impossibilidade de contato presencial com os estudantes, o questionário semiestruturado foi transformado em formulário online, na plataforma Formulários Google e o link foi encaminhado via WhatsApp para os grupos dos pais do universo de pesquisa (grupos esses criados pela escola para as comunicações oficiais da mesma com os pais e responsáveis pelos estudantes de cada turma). Com as informações relativas sobre quem estava encaminhando (coordenador e cientistas Jr. devidamente identificados), qual a natureza do projeto, sua justificativa, objetivos, que tipo de dados seriam coletados com os estudantes (como onde e com quem brincam, se e quais músicas folclóricas e cantigas de roda conhecem, como as conheceram, gostos e práticas musicais e contextos dessas práticas, etc.) e como estes dados seriam tratados, bem como orientações relativamente ao preenchimento em si do formulário online, além, também, de informações técnicas sobre o edital, a FAPEAM (instituição que apoiou financeiramente o projeto) e o PCE. Enquanto os estudantes preenchiam o questionário online a partir de suas casas e desenvolviam seus estudos, inclusive com exercícios simplificados para flauta doce, a equipe do projeto se reuniu diariamente na escola para prática de flauta doce, com exercícios técnicos passados pelo coordenador do projeto, além de prática dos arranjos que iam sendo produzidos também pelo coordenador a partir das músicas folclóricas e cantigas de roda indicadas nas respostas ao questionário online. Considerando que a produção de arranjos musicais didáticos requer conhecimentos técnicos mais específicos (conhecimento de harmonia, de estrutura frasal musical, de escrita em partitura para vários sistemas, de contraponto, etc.), os arranjos foram elaborados exclusivamente pelo coordenador do projeto, visto ser ter formação na área (licenciatura em música). As Cientistas Jr. puderam desenvolver uma prática de conjunto, intercalada por momentos de observação e discussão dos dados no questionário online. Vale destacar que o PCE possibilitar aos estudantes da educação básica um contato inicial com a pesquisa seguindo uma metodologia científica, mas de forma menos densa que num ambiente de nível superior. Logo, as análises efetuadas no decorrer do projeto operam no sentido de uma alfabetização científica.

RESULTADOS

Foram entrevistados 106 dos 167 estudantes matriculados nas quatro turmas de 6º e 7º anos. Isso nos dá um valor de 63,47%, conforme pode ser visto na Tabela 1.

Tabela 1 – Relação entre estudantes matriculados e estudantes entrevistados

Estudantes	6º ano 1	6º ano 2	7º ano 1	7º ano 2	Total	%
Matriculados	34	34	34	35	167	100%
Entrevistados	24	28	29	25	106	63,47%

Fonte: Criada pelos autores a partir da ficha cumulativa (disponibilizada pela secretaria da escola) e formulário online de coleta de dados do projeto.

O formulário ficou aberto para receber respostas até 15 de novembro de 2020. O professor Mickelsen Picanço, coordenador do projeto, encaminhou aos grupos dos pais no WhatsApp diversas comunicações de agradecimento aos que haviam colaborado com o fornecimento de dados, bem como solicitações aos que não haviam preenchido ainda – solicitações reforçadas pelas cientistas Jr. em mensagens enviadas por elas aos colegas dos quais tinham o contato por telefone. Após essas solicitações, constatamos que alguns estudantes que já haviam respondido preencheram novamente o formulário. Essas novas respostas foram descartadas, pois eram repetição dos dados já fornecidos por estes estudantes e, em números absolutos, representaria uma falsa realidade, como se de fato mais estudantes tivessem respondido.

Com o retorno dos estudantes do ensino fundamental das escolas estaduais em Manaus às aulas presenciais em 30 de setembro de 2020, pretendíamos entrevistar pessoalmente aqueles que ainda não haviam respondido ao formulário online. Entretanto, as turmas foram divididas em blocos nos quais metade dos estudantes (bloco A) vinha nas segundas-feiras e quartas-feiras e a outra metade (bloco B), nas terças-feiras e quintas-feiras. Além disso, a SEDUC/AM, considerando a grande possibilidade de contágio viral no ambiente escolar, possibilitou aos pais e responsáveis pelos estudantes o não retorno destes à escola, em caso de (i) os pais e responsáveis não se sentirem seguros quanto à possibilidade de os estudantes contraírem o vírus na escola, (ii) em casos de o(a) estudante fazer parte do grupo de risco (ser obeso, ter diabetes, baixa imunidade, doença respiratória crônica, etc.) e/ou (iii) o(a) estudante residir com familiar que faça parte do grupo de risco. Diante dessa possibilidade de não mandar seus filhos à escola, 37,72% (63) dos estudantes do universo de pesquisa (segundo dados atualizados pela secretaria da escola em 27/10/2020) não retornaram às aulas

presenciais. Isso impactou negativamente na coleta dos dados, mas não a ponto de impedir que a maioria de cada turma do universo de pesquisa respondesse ao formulário online. Embora não estivesse em nosso planejamento o registro desse dado (Tabela 2), consideramos importante adicioná-lo ao nosso trabalho, pois ele reflete parte do impacto que a pandemia de COVID-19 teve na escola e nas atividades correlatas, como nosso projeto de pesquisa.

Tabela 2 – Relação entre estudantes matriculados e dispensados

Estudantes	6º ano 1	6º ano 2	7º ano 1	7º ano 2	Total	%
Matriculados	34	34	34	35	167	100%
Dispensados	17	21	9	16	63	37,72%

Fonte: Criada pelos autores a partir da Ficha cumulativa e lista de estudantes dispensados das aulas presenciais até 27/10/2020 (ambos disponibilizados pela secretaria da escola).

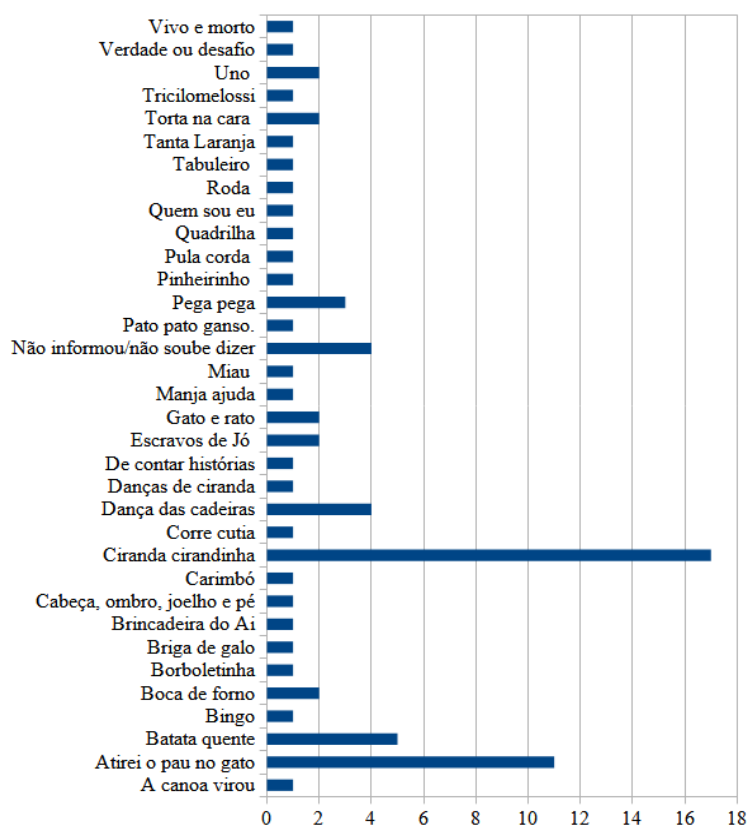
Considerando a divisão por sexo, 50,94% (54 estudantes, em números absolutos) dos que responderam são *meninos* e 49,06% (52), *meninas*. Quando perguntados se costumam brincar na rua, 28,30% (30) responderam *sim* e 71,70% (76) responderam *não*. Os que responderam *não* informaram diversos motivos para não brincarem na rua, motivos esses resumidos por nós em quatro grandes grupos que ficaram com os seguintes valores: 46,05% (35) não brincam na rua porque isso *incorre em perigo/falta de segurança*, 32,89% (25) porque *não gosta, não quer ou prefere ficar em casa*, 11,84% (9) porque *os pais não permitem*, 9,21% (07) porque *não têm com quem brincar na rua*. Observamos que 02 estudantes disseram que *costumam brincar na rua*, mas informaram motivos pelos quais *não costumam brincar na rua*, apresentando uma clara contradição. Descartamos duas dessas respostas visto que a pergunta era “Se você NÃO costuma brincar na rua, cite o motivo principal para isso?” (ênfase no maiúsculo presente na questão do formulário). Acreditamos que isso possa representar um momento de desatenção dos estudantes durante o preenchimento do formulário, além de que é importante reforçar o fato já mencionado de que, por conta da pandemia de COVID-19, não foi possível entrevistar os estudantes presencialmente, recaindo sobre eles o preenchimento do formulário online que lhes foi encaminhando. Isso, entretanto, não invalida, em nossa visão, os dados coletados, visto que não tínhamos a intenção de extrapolar os dados colhidos neste estudo como sendo representativos de todos os estudantes de 6º e 7º das escolas da Coordenação Distrital de Educação 2 da SEDUC-AM, nem de Manaus e muito menos ainda do Amazonas, posto que cada unidade escolar é constituída por estudantes oriundos de diferentes contextos socioeconômicos e

que este e outros fatores não foram aferidos em nosso trabalho. Uma caracterização do perfil socioeconômico pode ser objeto de pesquisa de outro projeto, noutra oportunidade. Entendemos, com isso, que esses dados ora levantados nos dão um panorama, apenas e exclusivamente, desse universo de pesquisa objetivado neste trabalho.

Quando perguntados se conheciam alguma cantiga de roda, 77,36% (82) responderam *sim* e 22,64% (24) responderam *não*. Aos que responderam *sim*, foi-lhes perguntado de que forma eles aprenderam a(s) cantiga(s) de roda. As respostas fornecidas foram elencadas em seis grupos, de acordo com as semelhanças das respostas: *com pais e/ou outros familiares*, 40,24% (33); *com amigos e colegas de brincadeira*, 10,98% (09); *na escola*, 28,05% (23); *por meio de mídias (CD, DVD, internet, etc.)*, 8,54% (07); *em grupos e/ou eventos*, 2,44% (02); *não sabe/não respondeu*, 9,76% (08).

Quando perguntados se já brincaram de alguma brincadeira de roda com familiares e/ou amigos, 72,64% (77) responderam *sim* e 27,36% (29) responderam *não*. Os 77 estudantes que afirmaram já ter brincado de alguma brincadeira de roda também informaram qual sua brincadeira de roda favorita (Gráfico 1). É possível notar que nem todas as respostas dadas pelos estudantes contêm brincadeiras de roda, no sentido de se ter uma canção que é entoada enquanto se brinca e/ou dança, como nas respostas dadas “verdade ou desafio”, “torta na cara”, “quem sou eu”, entre outras. Isso pode indicar que algumas crianças e adolescentes do universo de pesquisa entendem diferentemente o que seja uma brincadeira de roda.

Gráfico 1 – Qual brincadeira de roda favorita

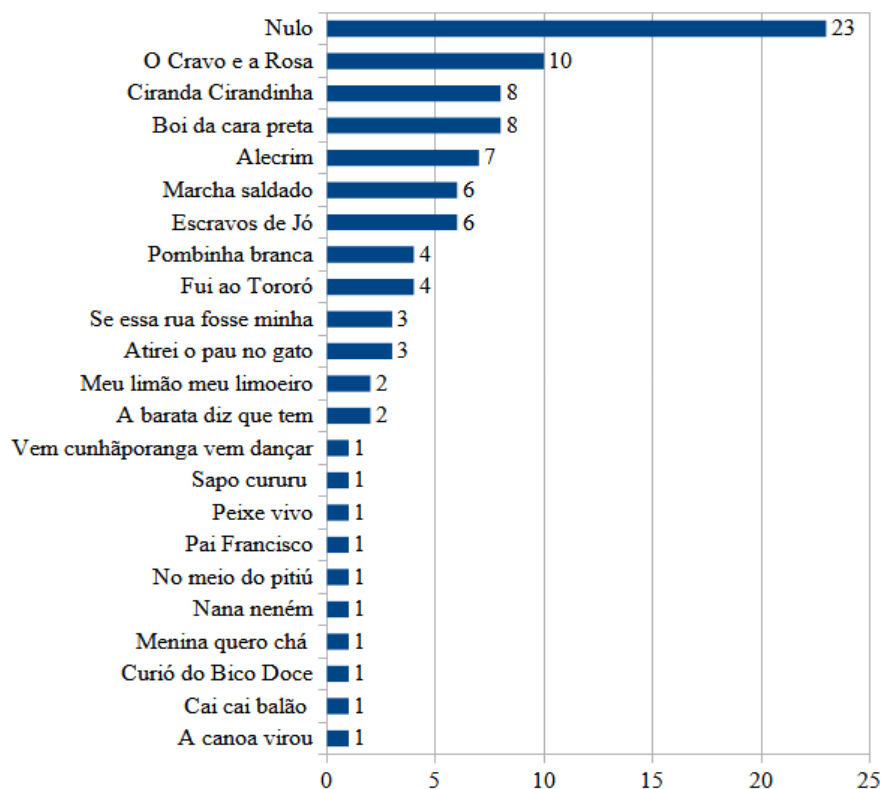


Fonte: criado pelos autores a partir do formulário online de coleta de dados do projeto.

Quando perguntados se conheciam alguma música folclórica, 52,83% (56) responderam *sim* e 47,17% (50), *não*. Os 56 estudantes que responderam *sim* também citaram algumas canções folclóricas, conforme pode ser observado no Gráfico 2. Algumas músicas foram citadas várias vezes, ao passo que outras, apenas uma vez. O fato, aliás, de músicas relativamente conhecidas da população brasileira serem pouco citadas pelo universo de pesquisa não pode ser tomado como indicativo de que elas não sejam conhecidas deste grupo. Isso reflete tão somente a referência feita pelo universo de pesquisa nessa questão. Também não podemos interpretar que a música mais citada seja necessariamente a favorita entre eles. Os dados colhidos não nos possibilitam essa afirmação. Destacamos também a existência de um grande número de respostas nulas, visto que houve muitas referências a gêneros musicais (como samba, frevo, carimbó, toada, etc.). É possível que alguns estudantes tenham citado esses e outros gêneros como sendo um exemplo específico de música folclórica, embora o escopo da pergunta buscasse uma resposta relacionada a uma composição/obra específica e não ao gênero musical em que essa composição/obra se enquadra. A título de exemplo, podemos

afirmar que a música O cravo e a rosa é uma valsa. Neste caso, composição/obra é O cravo e a rosa, enquanto que valsa é o gênero musical.

Gráfico 2– Músicas folclóricas conhecidas



Fonte: criado pelos autores a partir do formulário online de coleta de dados do projeto.

Quando perguntados se é importante conhecer cantigas de roda e músicas folclóricas, 77,36% (82) responderam *sim* e 22,64% (24), *não*. Os que responderam *sim* (82) tiveram suas justificativas alocadas em cinco grupos, de acordo com as respostas que deram: *porque reflete cultura e história*, 45,12% (37); *porque é instrutivo*, 26,83% (22); *porque é lúdico*, 17,07% (14); *porque é um bom agregador social*, 4,88% (04); *não souberam opinar*, 6,10% (05). O mesmo fizemos com as respostas daqueles que disseram não ser importante conhecer cantigas de roda e músicas folclóricas: *não é importante ou não tem valor em si mesmo*, 50% (12); *não agrega valor ao indivíduo*, 20,83% (05); *não gosta, simplesmente*, 12,50% (3); *não souberam opinar*, 12,50% (3); *não é compatível com a religião professada*, 4,17% (01).

Analisando os grupos *porque reflete cultura e história*, 45,12% (37) e *porque é instrutivo*, 26,83% (22), observamos que eles se formaram em torno do *conhecimento*. O maior teve respostas que focaram na historicidade das músicas, no possível contexto que suas letras apresentam, na possibilidade de haver nelas um retrato de outro lugar e

outro tempo dos quais somos uma continuidade, uma descendência e que explica ou justifica o que somos. O segundo apresentou respostas que focaram na possibilidade de essas músicas serem um recurso didático, que possibilita a construção de novos saberes para quem delas usufrui (embora não necessariamente um saber novo, mas talvez um saber renovado ou descoberta de algo conhecido por muitos, mas não por aquela criança/adolescente). É possível que o universo de pesquisa veja nas músicas folclóricas e cantigas de roda um recurso útil na escola e que desejem que este recurso seja usado com mais frequência. Entretanto, é preciso prudência de nossa parte para não ver nos dados aquilo que eles não nos apresentam, bem como é preciso reconhecer que eles apontam para a possibilidade (ou necessidade) de que se realize uma pesquisa mais aprofundada, com outros objetivos e métodos, relativamente ao emprego de músicas folclóricas e cantigas de roda no contexto escolar. Ressaltamos que, neste presente estudo, a prática da flauta doce como ferramenta para o desenvolvimento estético-musical se viabiliza a partir da apropriação de um repertório que seja construído a partir das referências musicais folclóricas que já são de conhecimento dos estudantes, para que o aprendizado do instrumento seja significativo para eles e reforce os lastros afetivos e culturais anteriormente construídos.

Nesse sentido, é preciso levar em consideração que uma sociedade não pode ser construída somente em cima de avanços nos equipamentos, nem ter sua relevância aferida apenas pela tecnologia que possui. É preciso reconhecer que um povo precisa de lastros culturais e folclóricos que façam referência à sua origem, que estabeleçam âncoras, as quais servem não para limitar o crescimento, mas dar firmeza e apoio, para servirem de referência.

Dentro daquilo que pode ser entendido como cultura, conforme nos apresenta Santos (2007): “cultura é a dimensão a sociedade que inclui *todo* o conhecimento num sentido ampliado e *todas* as maneiras como esse conhecimento é expresso” (p. 50, grifos nossos), a arte e o folclore, dentro dela, têm importância vital nesse processo de “ancoragem” humana.

Vieira (2006) afirma: “arte é forma de conhecimento e todo conhecimento é função vital, todo conhecimento garante vida e complexidade. Desvalorizar o artístico é matar, em altos níveis de complexidade, nossa Humanidade” (p. 83). Assim, os aspectos afetivos e principalmente estéticos, no sentido etimológico, conforme Talon-Hugon (2009) apresenta – qual seja: “‘estética’ vem da palavra grega *aisthêsis* que designa simultaneamente a faculdade e o ato de sentir (a sensação e a percepção)” (p. 7) – são

elementos integrantes da cultura e como tal devem ser valorizados dentro do ambiente escolar, que é o local culturalmente instituído para a formação das novas gerações de pessoas, cuja responsabilidade é manter os bens construídos ao longo dos séculos e continuar o processo de desenvolvimento da sociedade. Ou, nas palavras de Marques e Castanho (2011): “A escola, nas sociedades letradas como a nossa, ocupa lugar por excelência para que se cumpram as funções da educação e da aprendizagem dos conhecimentos, das artes, das ciências e da tecnologia” (p. 24).

Vieira (2006) também afirma a necessidade e a dificuldade de

criar gerações sensíveis à realidade; que saibam buscar e estocar informação e estabelecer uma memória complexa, que envolva não só o que é ensinado na escola ou que possa ser lido ou assistido em um aparelho de televisão, mas o que possa ser vivenciado em nível de emoção, sentimento, afetividade e valores (p. 23).

Entretanto, nosso contexto artístico, segundo a visão estabelecida pela cultura de massa e pela indústria musical, não é favorável ao intento proposto acima por Vieira, tal como Candé (2001) afirma: “A banalização industrial da música condiciona a grande massa dos ouvintes a uma estética simplista, baseada na adaptação grosseira de um sistema caduco” (p. 401) e “a verdadeira canção popular está condenada, ou é adaptada aos modelos industriais” (p. 404).

Concernentemente às respostas daqueles que disseram não ser importante conhecer cantigas de roda e músicas folclóricas, é preocupante a nós o fato de que mais de 1/5 do universo de pesquisa considere o conhecimento de músicas folclóricas e cantigas de roda não necessário, visto que, empiricamente, é possível notar, no convívio escolar, o interesse dos estudantes por música. É muito fácil encontrar entre eles conversas sobre bandas, grupos musicais e cantores, especialmente, os cantores sul-coreanos (do chamado *k-pop*) e cantores brasileiros de *funk* (carioca). Tal preocupação se reforça, especialmente, quando quase 71% dos que responderam *não* considera o objeto dessa questão como algo sem importância, sem valor si mesmo ou como algo que não vai agregar valor nenhum a eles. Embora se leve em consideração o fato de que se trata de crianças e adolescentes e que, nessa fase da vida deles, muito ainda está em construção em sua personalidade e intelecto, é deveras importante ter esse panorama em vista, especialmente pelo fato de que este projeto foi desenvolvido no contexto da disciplina de Arte, com ênfase na prática musical, cabendo ao docente abordar nas aulas a temática da música folclórica nacional e regional, bem como das cantigas de roda,

mostrando sua importância social, psicológica, histórica e estético-musical, buscando sensibilizar o estudante a ampliar seus horizontes musicais e a construir referências sonoras mais amplas, que não se limitem ao que é imposto pela indústria da música ou pela cultura de massa propagada pelas mídias que, muitas vezes, despejam sobre crianças e adolescentes produtos musicais com pouca ou nenhuma consideração relativamente ao nível cognitivo ou de desenvolvimento psicoemocional destas, numa busca alucinada por evidência, domínio de mercado e, conseqüentemente, lucro financeiro.

Quando perguntados sobre que tipo de música costumam ouvir, as respostas dadas elencaram uma grande variedade de gêneros e estilos musicais (Tabela 3).

Tabela 3 – Tipo de música que costumam ouvir

Gênero ou estilo musical	Citações
Acústica	1
Cantigas de roda	3
Ciranda	1
Eletrônica	12
Forró	2
Funk	7
Indie	3
Internacional	5
J-pop, K-pop e música asiática	6
Jovem pam*	1
Lo-fi	2
Música 8-bit	1
Música erudita	2
Músicas inglesas e/ou em inglês	6
Não costuma ouvir músicas, não gosta, não soube responder ou nenhuma	8
Paródia	2
Pop (nacional e estrangeiro)	17
Rap e Trap	12
Rock	3
Sacra (evangélica)	26
Sad	3
Samba e pagode	5
Sem gosto específico	19
Sertanejo	7
Toadas	1
Total	155

* É possível que essa citação se refira a músicas ouvidas na rádio (meio de comunicação) como um todo e

não necessariamente na emissora citada, bem como não cremos que a resposta dada queira indicar, por parte de quem a deu, a existência de um gênero musical com esse nome.

Fonte: criado pelos autores a partir do formulário online de coleta de dados do projeto.

Na resposta a esta questão, o universo de pesquisa poderia citar mais de um gênero ou estilo musical. Isso explica porque o total de citações é maior que a quantidade de estudantes entrevistados. Relativamente às citações feitas, é interessante a variedade de tipos musicais citados, com maiores citações sendo feitas à música sacra¹ (26), Pop (nacional e estrangeiro) (17), *Rape Trap* (12) e eletrônica (12). Muito embora “Sem gosto específico” tenha um quantitativo (19) superior ao Pop, não se trata, patentemente, de um tipo musical, mas uma expressão na qual agrupamos respostas do tipo “gosto de *todas* as músicas” ou “gosto de *qualquer* música” (grifo nosso). Entendemos que música *sacra*, neste estudo, é um termo que se refere muito mais à *finalidade* da música e ao *público* que a consome do que necessariamente a um gênero musical específico, posto que esse tipo de música é caracterizado hodiernamente pelo uso duma grande variedade de gêneros musicais: há baião, sertanejo, *rock*, samba, pagode, guarânia, baladas e outros tantos gêneros usados “para o louvor do Senhor”, numa terminologia claramente cristã. Também nos chamou a atenção o fato de que cirandas e toadas, obtiveram somente uma citação cada. É possível que a citação à ciranda refira-se à brincadeira de roda e não necessariamente às músicas executadas nos festivais de ciranda², em Manacapuru e em Manaus. Relativamente a toadas, não nos ficam dúvidas, posto que a resposta assim computada fazia referência a *boi*, o que inegavelmente se liga ao Festival Folclórico de Parintins. Intriga-nos nessas duas referências o fato de que esses dois tipos musicais, que possuem festivais relativamente divulgados regional e nacionalmente, não tiveram maior destaque no universo de pesquisa. Compreendemos que existe a possibilidade de que, caso a pergunta versasse diretamente sobre esses dois gêneros musicais, as respostas apontariam melhor o grau de conhecimento sobre eles. Isso indica a necessidade de pesquisas nas escolas amazonenses sobre a capilaridade que manifestações culturais locais têm entre os estudantes, pesquisas essas que podem subsidiar melhor o trabalho dos docentes de Arte nas escolas do ensino fundamental, fornecendo-lhes uma perspectiva mais acertada

¹ Neste caso, é provável que se trate da música evangélica, pois os termos usados pelos estudantes foram “*gospel*” (em sua maioria), “Músicas do Reino”, “Evangélica” e “do ministério”.

² Em Manacapuru, as bandas que tocam nas agremiações que competem no festival anual de cirandas chamam essas músicas de *tocatas*.

sobre o nível de apropriação e valorização que as manifestações culturais locais têm nas escolas amazonenses.

Quando perguntados sobre com que frequência assistem apresentações musicais, 26,42% (28) responderam que *nunca assistem*, 36,79% (39) responderam que assistem *semanalmente*, 17,92% (19) disseram que assistem *mensalmente* e 18,87% (20) responderam que assistem *anualmente*. Destacamos que a audiência a apresentações musicais não precisa ser obrigatoriamente presencial, podendo ser considerada como tal o ato de assistir um *show* via DVD, *Bluraye/ou streaming*. Pouco mais de ¼ do universo de pesquisa afirmou não prestigiar esse tipo de evento, o que não significa, em nosso entender, que eles não tenham contato com música, posto que apenas 03 (três) desses estudantes afirmaram anteriormente que *não costumam ouvir música*, tendo eles mesmos afirmado que conhecem e já brincaram de cantigas de roda.

Quando perguntados se tinham experiência em grupo musical, 71,70% (76) responderam que *não tinham experiência em grupo musical*, 11,32% (12) responderam que *já tocaram em grupo musical*, 13,21% (14) responderam que *já cantaram em grupo musical* e 3,77% (04) responderam que *já cantaram e tocaram em grupo musical*.

Quando perguntados se tocam algum instrumento musical, 63,21% (67) responderam *sim* e 36,79% (39), *não*.

Quando perguntados que instrumentos tocavam (considerando apenas o primeiro instrumento, em caso de citarem mais de um), 55,66% (59) responderam que tocavam *flauta* (flauta e flauta doce, ambas agrupadas na mesma categoria), 40,57% (43) *não responderam*, 1,89% (02) responderam *bateria* e 1,89% (02) responderam *violão*. Somando-se as opções flauta, bateria e violão, chega-se a 59,43% (63) de estudantes que *tocam algum instrumento*, valor 3,78% menor que o número de estudantes que responderam que tocavam algum instrumento musical. Esse percentual a menos corresponde a 04 (quatro) estudantes, que possivelmente não preencheram que instrumento tocam e entraram nos 40,57% (43) que não preencheram resposta a esta pergunta. Assim, seriam os 39 estudantes que não tocam nenhum instrumento mais os 04 que tocam e que não responderam essa questão.

Quando perguntados que instrumento musical gostariam de aprender, 37,74% (40) *não informaram*, 26,42% (28) responderam *violão*, 18,87% (20) *piano/teclado*, 6,60% (7) *bateria*, 4,72% (5) *flauta*, 2,83% (3) *guitarra*, 0,94% (1) *pandeiro*, 0,94% (1) *ukulele* 0,94% (1) *violino*. Compreendemos que a aprendizagem desses instrumentos na escola é possível, embora pouco provável, considerando o nível de

investimento financeiro necessário para aquisição de teclados e guitarras em quantidade mínima para sua prática na escola, por exemplo. Violões, flautas (doce) e violinos são instrumentos relativamente acessíveis às escolas. Pandeiro e ukuleles são instrumentos também de compra relativamente fácil, embora não configurem como instrumentos mais comuns numa lista de aquisição dessa natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto objetivava de modo geral *oportunizar o desenvolvimento estético-musical por meio da prática instrumental da flauta doce e da pesquisa sobre músicas folclóricas e cantigas de roda*. Para alcance desse objetivo geral elencamos três objetivos específicos, a saber: (1) promover o aprendizado e prática instrumental de flauta doce aos estudantes co-pesquisadores (Cientistas Jr.), (2) Mapear as canções folclóricas e cantigas de roda que são de conhecimento dos estudantes de 6º e 7º anos do ensino fundamental do Colégio Militar do Corpo de Bombeiros José Carlos Mestrinho e (3) desenvolver arranjos instrumentais para flauta doce a partir das canções folclóricas e cantigas de roda levantadas pelos estudantes.

Consideramos que tivemos êxito no alcance desses objetivos porque:

- Foram dedicadas ao menos 5 (cinco) horas semanais para a prática de flauta doce, seja nos encontros diários da equipe do projeto, seja nos momentos de treino realizados em casa, pelas cientistas Jr. Essa prática semanal possibilitou o aprendizado do instrumento.
- Foram entrevistados 63,47%, conforme pode ser visto na Tabela 1, o que nos permitiu mapear as canções folclóricas e cantigas de roda e situações a elas relacionadas (onde, como e com quem foram aprendidas, se brincam disso), bem como nos possibilitou também ter um pequeno panorama da vivência musical dos estudantes das séries alvo deste projeto: qual gênero musical mais apreciado, periodicidade em que assistem apresentações musicais, experiência em grupos musicais, instrumentos que tocam ou gostariam de tocar.
- De posse dos dados coletados, criamos arranjos para flauta doce para 10 (dez) canções folclóricas (*A canoa virou, Alecrim, Atirei o pau no gato, Boi da cara preta, Ciranda cirandinha, Escravos de Jó, Meu limão meu limoeiro, O cravo e a Rosa, Se essa rua fosse minha e Terezinha de Jesus*), as quais foram praticadas pelas cientistas Jr. Destacamos que todas as

canções arranjadas foram disponibilizadas aos estudantes do 6º e 7º anos, via grupo dos pais no WhatsApp, em formato de PDF, para que todos eles possam praticar também. Esses arranjos são passíveis de publicação futura em algum formato físico ou digital. Por ora, não buscamos um meio de viabilizar a publicação.

Entendemos, contudo, que o projeto não teve a alcance maior do que o apresentado por causa da pandemia de COVID-19, conforme apontamentos feitos anteriormente. Por não termos contato direto com todos os estudantes das séries alvo, por não poder aferir quem desses estudantes tem acesso fácil e de qualidade à internet, podemos afirmar que o controle da obtenção dos dados saiu de nossa mão. Nossa fonte de dados (estudantes) é voluntária, não poderia ser constrangida a fornecer nenhuma informação que não quisesse. Assim e por mais que solicitássemos nos grupos, nem todos responderam ao questionário online. Quem respondeu, o fez espontaneamente e porque tinha meios para assim proceder. É possível que os estudantes que não responderam assim o fizeram por não terem os meios, por não quererem ou mesmo por outro motivo. Acreditamos que poderíamos atingir um grupo maior, caso não houvesse a pandemia e, conseqüente, paralisação das aulas. Também compreendemos que os dados apresentados apontam na direção de que há outros temas dentro da prática instrumental e da vivência musical dos estudantes que necessitam de pesquisa. Compreendemos a disciplina de Arte é um campo ainda pouco explorado no que concerne à pesquisa em contexto escolar, pesquisa que vise a produção de informação e não somente intervenções didático-pedagógicas, embora estas sejam bem-vindas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/CNE, [2018]. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 26 dez. 2020.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CANDÉ, Roland de. **História Universal da Música**. Vol. 2. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARQUES, Patrícia Batista. CASTANHO, Marisa Irene Siqueira. O que é a escola a partir do sentido construído por alunos. **Revista Semestral da Associação Brasileira**

de Psicologia Escolar e Educacional, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 23-33, Janeiro/Junho de 2011.

SANTOS, Jorge Luis dos. **O que é Cultura**. Coleção primeiros passos. São Paulo: Brasiliense, 2007.

SILVEIRA, Denise Tolfo. CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

TALON-HUGON, Carole. **A estética**: história e teorias. Lisboa: Edições Texto e Grafia, 2009.

VIEIRA, Jorge de Albuquerque. **Teoria do conhecimento e arte**: formas de conhecimento – arte e ciência uma visão a partir da complexidade. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006.